



## Para Além do Discurso Dominante Sobre Internacionalização da Educação Superior: Entrevista com Dr.a Chrystal George Mwangi, Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade de Massachusetts Amherst

Fernanda Geremias Leal<sup>1</sup>  <https://orcid.org/0000-0002-1716-2060>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina

### RESUMO

A pesquisa em internacionalização da educação superior tem se configurado de forma predominantemente a-teórica e positivista: antes orientada para a consecução de objetivos práticos do que preocupada com as estruturas nas quais a internacionalização opera, ou com seus dilemas e contradições. Dr.a Chrystal George Mwangi, Professora Associada da Faculdade de Educação na University of Massachusetts Amherst, Estados Unidos, é uma das vozes acadêmicas que tem questionado a ideia de internacionalização como `bem incondicional` frequentemente enfatizada pelos discursos político e acadêmico dominantes. Nesta entrevista, conduzida em Junho de 2020, Dr.a George Mwangi reflete sobre internacionalização da educação superior de uma abordagem crítica, tratando de temas como os impactos da escolha de como engajar nesse processo; os desafios de ser um técnico-acadêmico; e o papel da internacionalização no contexto da pandemia do Covid-19.

### PALAVRAS-CHAVE

Educação superior. Internacionalização. Pesquisa crítica.

Correspondência ao Autor

<sup>1</sup> Fernanda Geremias Leal

E-mail: [fernanda.leal@ufsc.br](mailto:fernanda.leal@ufsc.br)

Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, SC, Brasil

CV Lattes

<http://lattes.cnpq.br/0187043615164031>

Submetido: 19 ago. 2020

Aceito: 07 dez. 2020

Publicado: 20 jan. 2020

 [10.20396/riesup.v7i0.8660900](https://doi.org/10.20396/riesup.v7i0.8660900)

e-location: e021035

ISSN 2446-9424

Checagem Antiplágio



Distribuído sobre



## Beyond the Dominant Discourse on Internationalization of Higher Education: Interview with Dr. Chrystal George Mwangi, Associate Professor at the College of Education of the University of Massachusetts Amherst

### ABSTRACT

Research on internationalization of higher education has been predominantly non-theoretical and positivist rather driven towards the consecution of practical objectives than concerned with the structures in which internationalization operates, or its dilemmas and contradictions. Dr. Chrystal George Mwangi, an Associate Professor at the College of Education of the University of Massachusetts Amherst, United States, is one of the academic voices that has questioned the idea of internationalization as an 'unconditional good' as often emphasized by dominant political and academic discourses. In this interview, conducted in June 2020, Dr. George Mwangi reflects on internationalization of higher education from a critical approach, addressing issues such as the impact of choices on how to engage on this process; the challenges of being a scholar-practitioner in this field; and the role of internationalization in the Covid-19 pandemic context.

### KEYWORDS

Higher education. Internationalization. Critical research.

## Más Allá del Discurso Dominante de Internacionalización de la Educación Superior: Entrevista con Dr. Chrystal George Mwangi, Profesora Asociada de la Facultad de Educación de la University of Massachusetts Amherst

### RESUMEN

La investigación sobre la internacionalización de la educación superior ha sido predominantemente teórica y positivista: más bien orientada hacia el logro de objetivos prácticos que preocupada por las estructuras en las que opera la internacionalización, o por sus dilemas y contradicciones. Dr. Chrystal George Mwangi, Profesora Asociada de la Facultad de Educación de la Universidad de Massachusetts Amherst, Estados Unidos, es una de las voces académicas que ha cuestionado la idea de la internacionalización como un 'bien incondicional' a menudo enfatizado por los discursos políticos y académicos convencionales. En esta entrevista, realizada en junio de 2020, Dr. George Mwangi reflexiona sobre la internacionalización de la educación superior desde un enfoque crítico, abordando cuestiones como los impactos de elegir cómo participar en este proceso; los desafíos de ser un técnico-académico; y el papel de la internacionalización en el contexto de la pandemia de Covid-19.

### PALABRAS CLAVE

Educación superior. Internacionalización. Investigación crítica.

## Introdução

Amplamente compreendida como um processo intencional voltado à integração das dimensões internacional, intercultural e global aos objetivos, às funções e à entrega da educação superior, a internacionalização tem se configurado como um dos fatores que mais criticamente tem afetado a educação superior do mundo nos últimos dez anos. A pesquisa em internacionalização também evoluiu, mas permanece predominantemente não teórica e positiva: mais orientada para a resolução de problemas práticos e a concretização de objetivos práticos, do que preocupada com as estruturas em que opera a internacionalização, ou com as suas contradições e dilemas.

À medida que as crescentes desigualdades em todos os níveis sugerem que a internacionalização da educação superior não cumpriu suas promessas, sua definição como uma intervenção neutra, coerente e baseada no conhecimento é reconhecida e questionada. Para ara George Mwangi et al. (2018, p. 3, tradução nossa), pesquisadores e *journals* internacionais frequentemente falham “ao abordar o poder e a hegemonia que estão embutidos nos sistemas e nas parcerias existentes na educação superior”. Buckner e Stein (2019, p. 2, tradução nossa) observam que “os principais recursos estão predominantemente orientados para alcançar a internacionalização ‘bem-sucedida’, em vez de demandar engajamentos ponderados e análises sistêmicas sobre por quais motivos ou de quais formas devemos fazer isso”. Leal (2020, p. 264) acrescenta que a “literatura *mainstream* sobre o tema [...] [está] majoritariamente amparada em narrativas construídas a partir de relações desigualmente constituídas ao longo da história [e] tende a enquadrar o fenômeno tanto como inevitável quanto como um fato social estável e isolado no tempo. Como consequência, neutraliza tensões, contradições e contextualidades e estabelece zonas de ‘não ser’ por universalizar o que é situado”.

Partindo do princípio de que é por meio do conhecimento que as relações e entidades são concebidas, percebidas, sentidas e descritas – ou, em outros termos, de que a epistemologia prescreve e molda a materialidade do mundo – pode-se conceber que a forma como o conhecimento sobre a internacionalização é construído desempenha um papel crucial papel no impacto da internacionalização na realidade.

Dr.a Chrystal George Mwangi, Professora Associada da Faculdade de Educação na University of Massachusetts Amherst, Estados Unidos, é uma das vozes acadêmicas que tem questionado a ideia de internacionalização como ‘bem incondicional’ frequentemente enfatizada pelos discursos político e acadêmico dominantes. Em termos gerais, sua pesquisa se concentra em: 1) estruturas de oportunidade e realização educacional para populações sub-representadas; 2) impactos da globalização e da migração na educação superior dos Estados Unidos nos níveis de estudante, instituição e política; e 3) populações africanas e diáspora africana na educação superior.

Em 2018, Dr.a George Mwangi recebeu o Prêmio de Pesquisa Inovadora em Educação Internacional pela Association of International Educators (NAFSA)<sup>1</sup>, pelo seu trabalho intitulado “Posicionamento de Parceiros: Examinando Parcerias Internacionais na Educação Superior sob as Lentes da Mutualidade” (“Partner Positioning: Examining International Higher Education Partnerships through a Mutuality Lens”). Sua pesquisa premiada investiga como parceiros negociam e navegam pelo poder em sessenta parcerias entre os chamados Mundo Majoritário (os Estados Unidos) e Minoritário (o ‘Sul-Global’), pelas lentes da mutualidade (equidade, solidariedade, autonomia e participação). A partir de suas análises, constata que enquanto “muito da retórica em torno das parcerias internacionais na educação superior enfatizam relações transformadoras e recíprocas” (GEORGE MWANGI, 2017, p. 55, tradução nossa), o que se observa é “um processo de aprendizagem muito mais unidirecional” (p. 53, tradução nossa). Argumenta, assim, que a atenção à mutualidade, por meio da intencionalidade, pode “ajudar indivíduos e instituições em parceria a defender o compartilhamento de princípios éticos na educação superior” (p. 58, tradução nossa).

Nesta entrevista, conduzida em junho de 2020, Dr.a George Mwangi apresenta sua perspectiva sobre fazer pesquisa em internacionalização e internacionalização da educação superior a partir de uma abordagem crítica, refletindo sobre questões como: os dilemas e as contradições da internacionalização; os impactos das escolhas sobre como engajar em pesquisas em internacionalização e o significado de conceituar internacionalização usando teorias e estruturas críticas; os limites da crítica eurocentrada à internacionalização; os desafios de ser um “técnico-acadêmico” no campo da educação superior internacional; a internacionalização no Sul Global; bem como o papel da internacionalização no contexto de pandemia Covid-19.

<sup>1</sup> A Association of International Educators (NAFSA) é uma associação de profissionais da educação superior, fundada nos Estados Unidos em 1948 como “*National Association of Foreign Students Advisers*” para promover o desenvolvimento profissional de funcionários de universidades norte-americanas responsáveis por auxiliar e aconselhar os 25 mil estudantes estrangeiros que foram estudar nos Estados Unidos no contexto da Segunda Guerra Mundial. Com o passar dos anos, expandiu seu escopo e, em 1964, alterou seu nome para “*National Association for Foreign Student Affairs*”. As relações da NAFSA com o governo federal norte-americano se intensificaram em 1976, quando a associação passou a também promover estudos no exterior. Em 1990, quando o número de estudantes internacionais nos Estados Unidos se aproximava de quatrocentos mil, a associação abrangia 6.400 membros de 1.800 campi. Para refletir seu papel nesse contexto mais amplo, mudou de nome novamente, dessa vez para “*Association of International Educators*”. Entre as diversas atividades atualmente desenvolvidas pela NAFSA na área de educação superior internacional, constam a *Annual Conference and Expo*, da qual cerca de dez mil participantes de mais de cem países participam, cursos e treinamentos para sócios, além de uma série de publicações prescritivas, voltadas a ‘internacionalizar’ as universidades norte-americanas (frequentemente por vias do recrutamento de estudantes internacionais) e a impulsionar a carreira individual de profissionais da área de educação superior internacional daquele contexto específico, por meio do desenvolvimento de competências<sup>1</sup>. Como Buckner e Stein (2019) observam, no Século 21 a NAFSA tem sido uma forte defensora da educação superior global. Além dos treinamentos e das publicações que oferece, um exemplo de política ativa voltada à promoção da ‘internacionalização’ é a premiação “*Senator Paul Simon Award for Campus Internationalization*”, que reconhece colleges e universidades dos Estados Unidos que estão fazendo um progresso significativo, bem planejado, bem executado e bem documentado em direção à internacionalização abrangente” (NAFSA, 2020).

Espera-se que a entrevista sirva de recurso e contribuição para a área de estudos críticos de internacionalização, que, ao problematizar o caráter técnico, apolítico e não histórico das abordagens convencionais (Stein, 2017) possibilita associar internacionalização à justiça social global, concebendo esse processo como um meio de transformar a realidade (LEAL, 2020).

As reflexões da Dr.a George Mwangi nos possibilitam enfatizar a importância de ‘habitar a fronteira’ (MIGNOLO, 2017) quando se trabalha como profissional e/ou como pesquisador na área. Ou seja, de desvincular-se da racionalidade dominante e confrontar histórias locais com projetos globais, buscando por outras formas de fazer, pensar, viver e ser nas relações internacionais na educação superior.

**1. De um ponto de vista crítico, quais podem ser considerados os principais dilemas e contradições que permeiam o processo de internacionalização da educação superior na atualidade?**

Um dos principais dilemas ou contradições que vejo é o papel da internacionalização na direção que a educação superior está tomando, que é todo esse tipo de abordagem neoliberal orientada fiscalmente, que eu acredito que a internacionalização da educação superior amplificam e reificam. Não acho que isso esteja acontecendo apenas por meio da internacionalização, mas que a educação superior como um setor tende a deixar de ser centrado na aprendizagem para esses outros tipos de prioridades mais fiscais. No entanto, acho que nossa abordagem de internacionalização ao redor do mundo de muitas maneiras apenas reifica essa direção.

A internacionalização não é tão centrada na equidade ou no aprendizado como poderia ser na prática. E há muitas oportunidades para que seja mais orientada para a equidade e centrada no aluno. Então, por exemplo, quando penso em questões como estudar no exterior, muitas vezes, as populações menos privilegiadas enfrentam barreiras para poder estudar no exterior. Ou quando pensamos sobre a matrícula de estudantes internacionais em todo o mundo e a mobilidade estudantil, precisamos pensar: quem são os alunos que podem ser móveis? E, por exemplo, quem está sendo recrutado para diferentes universidades? Assim, pode haver muito que a internacionalização pode fazer para promover mudanças sociais positivas e coisas assim. Mas, infelizmente, essa não é a direção que sempre toma na prática nos campi e muitas vezes é usada como uma ferramenta para uma prática incrivelmente econômica.

O outro aspecto ou outro dilema ou contradição principal em torno da internacionalização é, tanto da perspectiva acadêmica quanto da prática, toda a questão do que conta como internacionalização. A forma como a definimos também pode ser problemática e limitada. Por exemplo, nos Estados Unidos, a internacionalização é frequentemente considerada como estudo no exterior, recrutamento de estudantes internacionais e colaborações de pesquisa internacionais. Talvez agora haja mais conversa

sobre coisas como internacionalização em casa e abordagens como essa. Mas e os alunos que têm uma formação transnacional, mas não são estudantes internacionais temporários? Aqueles que são imigrantes que agora são cidadãos nacionalizados (ou não são)? Eles trazem elementos globais e engajamento para um campus, então por que não pensamos neles quando pensamos em internacionalização?

Pensamos sobre a prática da internacionalização de maneiras mais restritas do que o necessário e de maneiras que não conectam os contextos globais e locais. A internacionalização precisa ser definida de forma mais ampla e inclusiva. E então, outro dilema é dada a pandemia e o que aconteceu ao redor do mundo. Precisamos ser mais inovadores em nossas reflexões sobre o que a internacionalização faz e em seu movimento em direção à ação e à mudança social que promova a equidade, o que remete a uma definição mais ampla e inclusiva. Então, quando temos situações em que as pessoas não podem necessariamente viajar ou onde ocorrem essas crises, a ideia de engajamento global não deve ir embora ou ser como pensar “Ah, não dá mais para fazer isso” ou “Os dias da internacionalização acabaram”. Em vez disso, é importante considerar: Qual é a essência da internacionalização? O que significa promover? O objetivo é promover conexões, colaboração, aprendizado e todas essas coisas que ainda podem acontecer. Mas a forma como a internacionalização da educação superior tem sido perseguida atualmente nos coloca neste dilema, é tão limitada e precisa ser repensada.

**2. O que significa conceituar a internacionalização da educação superior a partir de uma abordagem crítica? Quais são os impactos das escolhas que fazemos ao pesquisar sobre educação superior internacional e internacionalização da educação superior?**

Eu acabo de escrever um capítulo de livro com a Dra. Christina Yao, uma acadêmica que faz muitos trabalhos relacionados à internacionalização, no qual desenvolvemos o que estamos chamando de uma lente orientada para a equidade na internacionalização da educação superior. A abordagem inclui quatro componentes, integrando perspectivas conceituais e teóricas orientadas para a equidade, (des)construindo a internacionalização, definindo o contexto sócio-histórico da internacionalização e conectando a pesquisa em internacionalização às forças contemporâneas da globalização. Nós realmente conversamos sobre essa ideia de uma abordagem crítica, que exige que certas coisas fiquem em primeiro plano quando pensamos na internacionalização da educação superior. Então, é claro, mencionei a equidade e as questões de poder e de opressão. E quais são as maneiras pelas quais a internacionalização reifica essas coisas ou trabalha para mitigá-las. Eu entendo que uma abordagem crítica faz isso. Outra coisa que se faz necessário é ter uma perspectiva sócio-histórica da internacionalização e reconhecer que não se trata apenas de práticas contemporâneas, mas que essas práticas decorrem de algo e a forma como pensamos a internacionalização decorre de elementos históricos relacionados à colonização e à escravidão, além de outras formas de desigualdades que aconteceram e acontecem em nossa sociedade.

E políticas e política e todas essas coisas. Todas essas coisas que aconteceram ao longo do tempo e moldaram onde estamos em termos de internacionalização hoje. Como definimos estudantes internacionais ou pensamos sobre educação no exterior ou como pensamos em parcerias na educação superior – todas essas peças são coisas que foram moldadas a partir de um contexto sócio-histórico. E assim, uma abordagem crítica realmente requer que se reconheça isso.

Uma abordagem crítica também requer pensar sobre a internacionalização da educação superior não apenas colocando em primeiro plano a equidade, a opressão e a marginalização, mas também pensar sobre como promover uma mudança positiva no uso da internacionalização como uma ferramenta para promover maior equidade e fazer essas coisas acontecerem. Há algo orientado para a ação sobre a abordagem, com certeza. Mesmo que você não mude o mundo com uma prática. Mas, pensando apenas em interromper, trazendo uma abordagem crítica porque você está perturbando o *status quo* – isso também é uma ação. Portanto, o componente orientado para a ação também é muito, muito importante para conceituar a internacionalização a partir da abordagem crítica.

Também é complexo porque a internacionalização e a pesquisa em torno dela estão há muito tempo neste trem que segue andando, e as pessoas simplesmente não querem desviar para pensar em outras possibilidades. Estamos em um momento em que há mais estudiosos que estão pensando dessa forma, e isso é maravilhoso. Mas é interessante que tenhamos passado tanto tempo sem que uma lente crítica tivesse uma voz mais forte nesse tipo de trabalho. Sempre esteve lá, mas está se tornando uma voz mais forte e mais mobilizada na internacionalização.

**3. Recentemente, mesmo autores que desenvolvem pesquisas sobre internacionalização a partir de uma abordagem mais funcionalista têm reconhecido que ao lado das oportunidades que esse processo oferece, existem questões que são contraditórias e contestáveis. O discurso dominante, no caso, é que a racionalidade econômica para internacionalizar se sobrepôs às demais, ou que ‘a internacionalização perdeu o seu rumo’. Quais são os limites dessa crítica?**

Em termos de crítica e limites, é importante não simplificar demais os desafios em torno da internacionalização. Isso remete à ideia de uma abordagem crítica para a internacionalização – que também ajuda a desconstruir e talvez complicar um pouco as coisas. Quando dizemos que a lógica econômica se destacou em relação a outras racionalidades para internacionalizar, concordo que a lógica econômica é muito, muito poderosa agora. Mas também existem outros fundamentos lógicos muito poderosos que podem tornar a internacionalização uma ferramenta injusta. Por exemplo, eu diria que as questões geopolíticas estão em par com as econômicas. É importante pensar holisticamente sobre as múltiplas maneiras em que a internacionalização funciona.

E internacionalização em termos de perder o seu rumo<sup>2</sup> – Não acredito que a internacionalização nunca tenha sido assim perfeita. Portanto, não sei se perder o rumo também é a melhor maneira de formular uma crítica. Alguns até questionam se o ensino superior está perdendo o rumo por se tornar tão neoliberal. Mas eu diria que o ensino superior sempre foi uma função do elitismo, então não sei se ele realmente perdeu o rumo. Acho que fez o que sempre se propôs a fazer, que é dar educação a uns e não a outros. Para criar mobilidade para alguns e excluir outros. Isso sempre foi uma função dele. E então, algumas das críticas podem ser um pouco simplistas demais e simplesmente não estão considerando um pensamento sócio-histórico sobre essas outras coisas que também são muito, muito importantes.

É como usar um pequeno *band-aid* para esse grande desafio. Como dizem, usar um *band-aid* em um ferimento a bala. Não vai realmente curar nada. E então, é apenas um tipo de solução de nível superficial. Essas são coisas importantes a se considerar. E eu também reconheço que isso é parte integrante do desafio porque, por exemplo, para mim, é fácil. É fácil, entre aspas, mas fácil para mim, como acadêmico, fazer críticas. Mas para os profissionais que estão engajados na internacionalização na prática, eles estão tendo que lidar com muitos empurrões e puxões. É importante para os estudiosos, é importante para mim como uma estudiosa, por exemplo, fazer críticas sobre essas coisas, mas também reconhecer que as pessoas que se engajam na prática não são más. Elas estão tentando negociar muitas coisas. E então, como a pesquisa pode ser acessível a elas, de maneira a permitir que mudanças aconteçam, porque se eu apenas estou lançando todas essas críticas o tempo todo e não fornecendo nenhum suporte adequado, bem, “Como as coisas podem mudar?”. Isso não é útil para realmente promover mudanças. É importante manter isso em mente. E essa é uma parte diferente, mas acho que também é importante.

No próximo ano, terei um trabalho conjunto. Serei do corpo docente em meio período e administradora por meio período no escritório de Programas Internacionais da minha Universidade. Vou tentar trabalhar com eles em seu plano estratégico de internacionalização e coisas assim, realmente tentando trazer mais uma lente orientada para a equidade em seu planejamento estratégico e avaliações. Foi importante para mim fazer isso porque quanto mais tempo sou um membro do corpo docente – comecei como um administrador – sinto que estou mais longe de, como, “Ok, o que os praticantes realmente podem fazer em torno deste problema agora?”. Então, eu queria oferecer minha experiência, mas também aprender com as coisas que eles estão vivenciando. Penso que às vezes as pessoas pensam que com uma abordagem crítica você só tem que lutar, lutar, lutar contra a administração e a organização e coisas assim. Mas acho que é importante também tentar encontrar um terreno comum e maneiras de colaborar e ainda ser uma voz crítica também. Portanto, há muito para navegar.

---

<sup>2</sup> Em referência à afirmação de Jane Knight de que a internacionalização do ensino superior está "perdendo o rumo" (KNIGHT, 2014, p. 76), usado para se referir à ideia de que nesse campo a 'competição' avança em detrimento da 'cooperação'.



4. **A predominância de uma abordagem funcionalista na pesquisa em educação superior internacional é muitas vezes justificada pela forte presença de técnicos na área, que estão principalmente interessados em resolver problemas práticos para que a internacionalização ocorra com sucesso. Você já foi uma acadêmica-técnica e, ainda assim, sua pesquisa visa a transformar a realidade. Como isso começou e que conselhos podem ser dados aos profissionais que estão se tornando ou desejam se tornar pesquisadores?**

Eu comecei como administradora, mas minha lente sempre esteve – eu acho que a maneira como vejo o mundo – em torno de pensar: “Por que as coisas são do jeito que são e como podem ser melhores?” E quando eu era uma administradora, trabalhei pela primeira vez com admissões de estudantes e vi muita desigualdade entre estudantes que estavam preparados para a universidade e estudantes que não estavam preparados para a universidade. E não era culpa deles, foram as circunstâncias em que eles cresceram e um reflexo das desigualdades que temos em nossa sociedade. Mas reconheci, como administradora, que só conseguia ajudar os estudantes que estão à minha frente e apoiar esses alunos, e que esse é um trabalho importante, mas eu realmente queria considerar quais são o sistema e as estruturas que estão impactando aqueles estudantes e que talvez possam ser alterados. E há maneiras de pensar sobre isso a partir dessa perspectiva macro, em vez de trabalhar com os estudantes para superar circunstâncias que eles não deveriam ter que superar porque não deveriam existir. Foi quando realmente comecei a pensar: “Ok, bem, isso é se envolver em um trabalho relacionado a políticas? É fazer pesquisa?” E eu voltei para a escola e eventualmente me tornei um membro do corpo docente e decidi seguir esse caminho, em parte para fazer esse trabalho por meio de minha pesquisa. A outra parte era ser capaz de educar pessoas que seriam profissionais, acadêmicos e formuladores de políticas. E então, era um propósito duplo.

É importante para os profissionais, independentemente de quererem se tornar professores, um dia ou não, serem capazes de ler pesquisas. Sempre digo aos meus estudantes, especialmente os de mestrado, “não importa se você quer fazer um doutorado ou não, ou se tornar um pesquisador, é importante que você esteja familiarizado com pesquisa porque você será solicitado em seu trabalho para usar dados para informar suas práticas ou para ver o que os estudiosos estão dizendo.

E você não deve apenas absorver o que eles dizem, você deve ser capaz de criticar – ler e questionar, por exemplo: Isso realmente se encaixa no seu contexto? O que eles estão dizendo é realmente correto? Estão levando em consideração todas as nuances da situação de que falam? Se, como um técnico, você não pode fazer isso, então você irá reificar as mesmas coisas em sua prática contra as quais você pode realmente querer lutar. Então, eu entendo que é realmente importante para os profissionais se engajarem na pesquisa ou pelo menos serem alfabetizados em pesquisa e capazes de olhar dados e artigos e colher coisas deles. E compreendê-los e criticá-los.

No que diz respeito aos profissionais que realmente querem se engajar na pesquisa, por si só, e querem seguir esse caminho, mesmo que seja, novamente, apenas para informar sua prática, eu entendo a pesquisa como uma ferramenta que pode ser usada e nos espaços acadêmicos e que é uma ferramenta que é respeitada e defendida. E suponho que esse seja o elitismo da academia. Mas, ser capaz de ter uma voz e a capacidade de fazer mudanças exige que você também seja capaz de entender o que está enfrentando a esse respeito. E penso que pode ser muito fácil para líderes de nível sênior ou docentes dispensar profissionais que não têm uma noção de como se envolver nesse tipo pesquisa baseada em dados. Então, isso também é muito importante e não necessariamente exige que alguém volte e faça o doutorado. Embora certamente seja um caminho. Mas a informação está tão facilmente disponível de tantas maneiras diferentes que existem outras maneiras de aprender sobre a pesquisa e o processo de pesquisa. Na verdade, trata-se apenas de encontrar tempo e apoio para fazer isso. Outra coisa que eu diria para os profissionais que estão mais em um nível sênior, que têm uma equipe, é que é importante ser capaz de dar espaço à equipe para aprender como conduzir pesquisas. E fazer isso como parte do desenvolvimento profissional, porque não podemos apenas esperar que as pessoas sejam capazes de fazer isso além de tudo o que já estão fazendo no trabalho. Portanto, deve haver estruturas para apoiar os profissionais envolvidos em pesquisas e incentivar a colaboração com pesquisadores. A parte da colaboração com o corpo docente ou outros também pode ser uma forma de tornar o processo de pesquisa mais gerenciável.

**5. Você recebeu um prêmio de uma organização que tem sido considerada por muitos como hegemônica pela posição que ocupa nos Estados Unidos e no sistema mundial. No entanto, seu trabalho premiado abordou questões de poder desbalanceado, injustiças e assimetrias/desigualdades na educação superior. Usando os termos do decolonialista Walter Mignolo, qual a importância de “estar na fronteira” (por exemplo, publicando trabalhos críticos em periódicos hegemônicos e engajando-se em redes hegemônicas) e como fazer isso?**

Acho que essa é uma pergunta precisa e uma crítica que a organização conhece. E é uma questão que penso e definitivamente falo no meu trabalho. Porque mesmo com esse prêmio da NAFSA – um colega me indicou para o prêmio. Então eles disseram: "ok, estou nomeando você para este prêmio." E eu disse, "Claro. Obrigada!" – Não esperava porque o meu artigo que me premiaram era muito crítico em relação à internacionalização. Mas eu acho que é uma coisa boa em algum nível. E me sinto muito confiante agora no meu trabalho e na minha voz e em onde estou na minha carreira, que acho que posso envolver organizações que não necessariamente, como um todo, seguem minha mesma visão de mundo, porque não vou ser persuadido do contrário. Vou continuar falando e compartilhando isso. Eu nunca vou dizer “NAFSA é a organização perfeita”, você nunca me ouviria dizer isso.

Por exemplo, depois que recebi o prêmio, eles me pediram para fazer coisas diferentes com sua organização. Uma era ir ao simpósio de pesquisa e dar uma palestra principal nesse simpósio de pesquisa. E eu fui muito crítico em relação à internacionalização durante toda a

palestra. No final, eu também disse que é um desafio para os praticantes também, mas tenho certeza de que as pessoas pensaram "nossa," você sabe. Mas também gerou muita conversa depois. E as pessoas diziam: "Sim, eu não tinha pensado nas coisas dessa maneira" ou "Eu penso nas coisas dessa maneira o tempo todo, mas nunca me senti confortável em poder dizer isso". E por causa da minha reputação em torno do meu trabalho agora, se uma organização como a NAFSA me der um prêmio, eles meio que saberão o que vão receber. Então, eu sinto que de alguma forma meu trabalho pode ser capaz de se infiltrar às vezes nessas organizações para aceitar e ter isso voz esteja presente porque se você não envolver essas organizações de forma alguma, essa voz pode não estar presente. E eu não acho que vou mudar a NAFSA completamente. Não, mas acho que posso criar uma maior consciência e apoiar as pessoas que estão pensando em uma lente crítica e continuar a mobilizar essa voz naquele espaço. E ao mesmo tempo saber que existem desafios em torno desse espaço e criticar esses desafios e há momentos em que faço isso.

E há momentos em que não vou me envolver de certas maneiras ou com certos projetos. Por exemplo, a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID)<sup>3</sup>, eles têm esta doação agora chamada algo como "Apoio ao Ensino Superior no Estilo Americano no Iraque". Alguns colegas estão trabalhando na redação de uma proposta para esta doação e a enviaram para mim e outras pessoas perguntando: "Você estaria disposto a colaborar?" e pensei: "Não, não estou disposto a colaborar nesta doação." É muito distante de qualquer coisa que eu possa apoiar. Mas, para alguns, eles podem decidir: "Tudo bem, vou fazer isso e tentar ser subversivo". No entanto, não pensei que fosse possível e senti que já estava longe demais. Eu não posso participar de algo assim, não se alinha comigo. Portanto, faço escolhas o tempo todo em torno do que funciona e não há linha dura quanto a isso. Você apenas começa a ter uma noção das coisas e a saber quando vale a pena se envolver: "tudo bem neste espaço, posso atrapalhar este espaço." E sabendo outras vezes: "Não vou conseguir atrapalhar realmente este espaço. Vou fazer mais mal do que bem se me envolver dessa forma." Mas eu acho que no final do dia, é realmente processar, pensar e ser reflexivo sobre essas coisas. Esse é o aspecto principal, em vez de apenas seguir em qualquer direção.

Além disso, eu entendo que às vezes dizer: "Não, não vou fazer isso" também está certo. Acho que todas essas coisas estão bem, desde que estejamos realmente pensando sobre isso, porque ser um estudioso crítico requer muita energia emocional e trabalho além do próprio processo regular de pesquisa. É uma camada adicional de coisas. Você tem que ser capaz de se cuidar e pensar sobre essas coisas, porque você não quer se esgotar e depois não ser capaz de fazer o trabalho de jeito nenhum. Então, você tem que negociar essas coisas,

<sup>3</sup> A USAid é uma agência governamental dos EUA criada em 1961 como parte dos esforços de 'assistência internacional ao desenvolvimento' dos EUA. De acordo com a declaração institucional da agência, seu objetivo é "apoiar os parceiros a se tornarem autossuficientes e capazes de liderar suas próprias jornadas de desenvolvimento. Progredimos nessa direção reduzindo o alcance do conflito, evitando a propagação de doenças pandêmicas e combatendo os fatores que geram violência, instabilidade, crime transnacional e outras ameaças à segurança. Promovemos a prosperidade americana por meio de investimentos que expandem os mercados para as exportações dos EUA; criar condições de concorrência equitativas para as empresas dos EUA; e apoiar sociedades mais estáveis, resilientes e democráticas. Estamos com as pessoas quando ocorre um desastre ou uma crise emerge como o líder mundial em assistência humanitária" (USAID, 2020). Muitas críticas foram feitas sobre o trabalho da USAid em todo o mundo, sendo frequentemente associado a uma ferramenta de soft power.

voltando uma segunda vez e dizendo: “Vou estar confiante e vou fazer isso. E deixe as fichas caírem onde puderem.” Geralmente é assim que estou no meu trabalho. Como acontece com a NAFSA e outras coisas que me pediram para vir e apresentar, eu sempre digo, “você tem certeza que quer que eu vá e faça isso? Provavelmente vou dizer coisas que você não gosta.” Mas aí eu fico tipo, “eles me pediram para vir. Então, você sabe, vou compartilhar essa perspectiva e talvez acender algumas lâmpadas e dar voz a coisas em que as pessoas estão pensando, mas podem estar muito preocupadas ou com medo de falar sobre o tipo de função que desempenham ou qualquer outra coisa.

Então, eu vejo que os meios de ruptura podem ser uma coisa boa, e até mesmo como mencionado antes com minha nomeação conjunta este ano. Alguns podem dizer: “Meu Deus, por que você trabalharia com o escritório de Programas Internacionais? Eles nem sempre apoiaram muito os estudantes internacionais, não fizeram isso, não fizeram aquilo”. E eu digo: “Apesar de tudo, eles continuarão a existir. Então deixe-me ir e ver se posso fazer algo.” Talvez eu não consiga. Talvez depois desse compromisso de um ano inteiro - não vou trabalhar em tempo integral para sempre - vou levar um ano para ver se há caminhos e se eles estão abertos. Eles conhecem minha bolsa de estudos, sabem essas coisas sobre mim e querem que eu ainda trabalhe com eles, então vou tentar. E se não funcionar, então não funciona. Mas eu sou, no final das contas, sou um educador, tenho que sempre ter esperança de que as pessoas possam aprender, mudar e crescer. Se parei de pensar assim, não sou mais educador. Tenho que ter esperança de que haja possibilidades e pelo menos tenho vontade de experimentar e se não der certo então, sabe, ainda tentei ser educador. Eu acho que é importante manter essa perspectiva também.

**6. Governos e universidades do Sul Global tendem a se internacionalizar de forma ‘passiva’ (LIMA; CONTEL, 2011), muitas vezes reproduzindo modelos e estratégias distantes de sua própria realidade e, portanto, contribuindo para as desigualdades de conhecimento, poder e ser (LEAL, 2020). Por que você acredita que isso acontece e que recomendações poderiam ser feitas aos interessados em desenvolver políticas de internacionalização que estejam explicitamente alinhadas com esforços mais amplos de justiça social?**

Este é um verdadeiro desafio no Sul Global. Estou dando suporte a uma estudante agora, a que é uma das minhas orientadoras de doutorado, e sua dissertação é sobre internacionalização no Egito. Temos essas conversas também. Também estou pensando no papel da internacionalização porque a internacionalização tende a se alimentar dessa ideia de coisas externas ao estado-nação ou ao local. Então, é o seguinte. “Ok, a internacionalização vai ajudar nos rankings globais e vai ajudar no prestígio”; vai ajudar nessas coisas que estão muito distantes das questões locais e das desigualdades locais. Mas não acho que precise ser esse o caso. É apenas como a internacionalização tende a ser enquadrada em geral, mas especificamente é ampliada nas nações do Sul Global. Os modelos em torno da internacionalização reificam a dinâmica de poder desigual entre o Norte e o Sul globais. Se as nações do Sul Global não tomam cuidado, e algumas não têm cuidado, então elas próprias reificam esses padrões em suas práticas também.

Assim, a questão torna-se “como podemos pensar sobre o desenvolvimento de políticas de internacionalização que estejam explicitamente alinhadas com esforços mais amplos de justiça social?” Como esse processo de internacionalização praticado nos espaços de ensino superior, e também essa noção de engajamento global, podem ser usado para reforçar mudanças sociais positivas para os cidadãos? Em torno de questões de equidade em nossa nação? Como isso pode ser usado como uma ferramenta de educação versus algo que estamos fazendo para impulsionar a imagem de uma instituição de ensino superior ou impulsionar a imagem de uma nação ou para se envolver em competição ou para sermos capazes de fazer parceria com países do Norte Global de maneiras que novamente reifiquem as dinâmicas de poder injustas.

Há uma voz crescente em torno da posicionalidade das nações do Sul Global em relação à internacionalização por meio de lentes críticas, especialmente na pesquisa. Mas certamente há espaço para muito mais. Porque ao pensar no meu trabalho em um contexto dos Estados Unidos em torno da internacionalização, mesmo através de uma lente crítica, ele ainda pode ter esse mesmo olhar dos Estados Unidos, do Norte Global e do Ocidente em relação às nações Sul Global. Também tentei estar atenta a isso. Tive um aluno que está fazendo sua dissertação na Índia, sobre o contexto indiano e a internacionalização. E ele está se inspirando em muitos estudiosos dos Estados Unidos que são estudiosos críticos, mas eu disse a ele que também é importante buscar conhecimentos e acadêmicos locais no contexto indiano e ter essa voz presente. E pensar sobre como essas teorias críticas, sejam da internacionalização ou não, ou sejam de acadêmicos ou não, podem ser incorporadas a esse entendimento da internacionalização na Índia. Há oportunidade para isso, mais do que estamos vendo, e na verdade gostaria de me criticar porque não sinto que recebi uma educação que me permite ter uma consciência plena dessa perspectiva, sou mais eu aprendendo e me engajando em isso agora em meu trabalho como uma pesquisadora.

#### **7. Que reflexões podem ser feitas sobre a internacionalização da educação superior no contexto da pandemia do Covid-19?**

Sinto que estamos em um momento muito importante para repensar e reimaginar o que a internacionalização pode ser. Este é um momento em que, com a pandemia, a agitação social que está acontecendo em todo o mundo, o conservadorismo político que está acontecendo em todo o mundo – todas essas coisas estão proporcionando este momento para realmente dizer: “o que pode ser feito de outra forma para caminharmos em uma direção mais positiva em todos os aspectos da vida?”. especificamente para a internacionalização, este é um momento crítico. Tudo o que está acontecendo nos força a nos engajarmos na internacionalização de maneiras diferentes do que antes. Se pudermos realmente ser intencionais, acredito que esse momento pode se traduzir em uma abordagem mais ponderada e crítica. Infelizmente, novamente, às vezes as pessoas são muito rápidas para simplesmente continuar sem realmente pensar sobre isso, mas é um momento realmente crítico.

A internacionalização, na minha opinião, deve ser um processo para o alcance de um objetivo final. Ser uma instituição de ensino internacionalizada não é um objetivo final. A internacionalização deve ser um processo de fazer algo para atingir um objetivo como maior aprendizado, maior acessibilidade, ampliação da participação na educação superior, retenção de alunos ou mitigação de desafios globais. Não se trata apenas de enviar alguns alunos para o exterior. A internacionalização é um processo que deve levar a algo maior. É isso que precisa continuar na vanguarda. E, infelizmente, muitas organizações, profissionais e acadêmicos começaram a tratar a internacionalização como se internacionalizar fosse o próprio objetivo. Se isso continuar, esse sempre será o desafio em torno da internacionalização como uma ferramenta potencial para uma mudança social positiva e maior equidade.

## Referências

GEORGE MWANGI, C. A. Partner Positioning: Examining International Higher Education Partnerships Through a Mutuality Lens. **The Review of Higher Education**, v. 41, n. 1, Fall 2017, p. 33-60. 2017.

KNIGHT, J. Is internationalisation of higher education having an identity crisis? *In*: MALDONADO-MALDONADO, A.; BASSETT, R. M. (Eds.). **The forefront of international higher education: A festschrift in honor of Philip G. Altbach**. The Netherlands: Springer Science & Business Media, 2014. p. 75–87.

LEAL, F. **Bases epistemológicas dos discursos dominantes de “internacionalização da educação superior” no Brasil**. Doutorado (Programa de Pós-graduação em Administração). Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2020.

LIMA, M. C.; CONTEL, F. B. *Internacionalização da educação superior: nações ativas, nações passivas e geopolítica do conhecimento*. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2011.

MIGNOLO, W. Desafios decoloniais hoje. *Epistemologias do Sul*, v. 1, n. 1, p. 12–32, 2017.

NAFSA. About NAFSA. Disponível em: <https://www.nafsa.org/about/about-nafsa/history-nafsa-association-international-educators>. Acesso em: 8 ago 2020.

STEIN, S. Internationalization for an uncertain future: tensions, paradoxes, and possibilities. *The Review of Higher Education*, v. 41, n. 1, p. 3–32, 2017

USAID. **USAid History**. Disponível em: <https://www.usaid.gov/who-we-are/usaid-history>. Acesso em: 8 ago 2020.